

A GUERRA I
(*rascunho*)

Levantou-se aquele, que tanto dormira,
Levantou-se das abóbadas profundas.
No crepúsculo, ergue-se alto e incógnito,
E a lua esmaga ele em sua mão negra.

5 No ruído noturno das cidades cai distante,
Geada e sombra de uma escuridão estranha,
E o torvelinho redondo dos mercados estagna em gelo.
Faz-se silêncio. Eles se olham. E ninguém sabe.

Nos becos, toca-se-lhes levemente o ombro.
10 Uma pergunta. Nenhuma resposta. Empalidece um rosto.
Ao longe <geme> um som agudo
E as barbas tremem em seu queixo pontudo.

Nas montanhas, ele soergue-se já para a dança
E grita: Todos vós, guerreiros, arriba, avante.
15 E quando abana a cabeça negra soa a corrente
Que com mil crânios ruidosa dela pende.

Como uma torre apaga as últimas brasas sob os pés,
Aonde o dia foge, os rios transbordam já de sangue.
Inúmeros cadáveres estão já estirados nos juncais,
20 Cobertos de branco pelas aves fortes da morte.

Acima de muros circulares de chamas azuis
Ele ergue-se, acima dos tiroteios em becos negros.
<Acima de portões, onde guardas deitados de través
Acima de pontes pesadas pelas pilhas de mortos.>

25 Noite adentro ele atíça o fogo de fora a fora
Um cão vermelho com relicário de fuças selvagens.
Da escuridão salta o mundo negro das noites,
A sua orla é terrivelmente iluminada por vulcões.

E com mil gorros vermelhos e pontiagudos
30 São as planícies sombrias de centelhas salpicadas,
E o que formiga nas ruas pra lá e pra cá,
<Ele varre para as fogueiras, para que a chama arda mais>.

E as chamas ardentes devoram floresta a floresta,
Morcegos amarelos agarrados vigorosamente às copas.
35 Como um carvoeiro ele golpeia com seu varão
As árvores, para que o fogo rujá com força.

Uma cidade grande afundou-se em fumo amarelo,
Atirou-se silenciosamente no ventre do abismo.
Mas, acima dos escombros incandescentes, ergue-se
40 Quem nos céus selvagens gira três vezes sua tocha,

Acima do reflexo de nuvens esgarçadas por tempestades,
Na escuridão inânime de desertos gelados,
Que ele resseque a noite com vasto incêndio,
Faz que pinguem piche e fogo sobre Gomorra.

Georg Heym, setembro de 1911
Dichtungen und Schriften I, pp. 346-347